

OS CAMPONESES

A RENATO BRAGA

SIDNEY NETTO

(Escrita especialmente para a Festa das Árvores na "Escola de Agronomia", a 21 de setembro de 1945).

Felizes os camponeses que trabalham
Desde os primeiros albores das manhãs,
De corpos curvos, torços rijos e almas sãs,
Porque depois o bem para todos espalham.

Os que à terra fecunda, aberta tôda em flôres,
Arrancam a água e o pão, dos frutos, nas colheitas:
A água e o pão que matam a fome, a sêde e as dores,
As dadivas de Deus a essas gentes eleitas.

Os que a tratam, de sol a sol, nos campos largos
E revolvidos com arados e tratores,
Deixando longe os dias tristes e amargos,
Tornando-a farta e rica, entre hosanas e amores.

Os que vibrando sempre o machado feroz,
Golpeiam rudemente às árvores os troncos rudes,
Como fizeram os nossos pais e os nossos avós,
Nas quebradas das serras e nos úmidos paludes.

À voraz derribada, algumas, retorcidas,
Tombam por sôbre as outras. E gemidos e vozes,
Enchem o ambiente enfêrmo, logo, em mortes de mil vidas,
Cheias dos mais brutais sofrimentos atrozes !

E a queimada ? A queimada, algum tempo, distantes,
Os camponeses vão fazê-la. E é o fogo ardente
Numa crepitação de fumo e cinza em novelos ondeantes,
E a terra em broca, tôda, abrasa tudo, de repente.

Lavra o incêndio voraz horas e horas. O vento
Rodopiando no ar, envolve tudo. E em tórno
Lambendo o chão revôlto, entre golfões, violento
Ainda é o vento, veloz, no ar abafado e morno.

Dias após quem passa além pelas estradas
Urgente, a caminhar, visando pouso ou abrigos,
Vê das coivaras, ainda, as cinzas esbraseadas,
Iluminando os precipícios e os perigos.

Cercado tudo com a plantação, depois
Das primeiras e protetoras chuvas, vão
Esperando, a olhar o céu, um dia, dois,
E três, os camponenses, a ver se chove mais, ou se não
[chove, não.

Se a chuva volta, inundando vales e campos,
Inundando a noite tôda e o dia todo,
Polindo as várzeas, cobrindo tudo de lôdo,
E agora, enchendo tudo de lanternas azues dos pirilampos,

Fazendo transbordar os córregos sombrios
E riachos em redor, no amplo seio da mata,
Em veloz galopar, para os leitos dos rios,
Que rolam para o mar, como serpes de prata,

É uma alegria imensa, esfuziante e louca
Povoando de nova e clara música a solidão,
Que sai cantarolando em aromas virgens pela bôca
E faz pulsar mais alto e forte o contentado e já maravi-
[lhado coração !

Enfim, meses adiante áureas safras gloriosas,
E ondear de milharal aos cicios da brisa,
Em orvalhadas manhãs e tardes côr-de-rosas,
Às carícias do céu que o vento no alto, alisa.

E a passarada tôda, em côro, horas e horas,
Vem encher quase todo o sertão de gorgeios,
Desde os suaves clarões das primeiras auroras
Abertas para nós como maternos seios !

E mais: felizes as camponesas que trabalham
Lavrando as terras, santas, como irmãs,
De corpos curvos, braços rijos e almas sãs,
Porque depois o bem para todos espalham.